



## Teatro-Fórum e o sexismo linguístico: a memória, o palco, a vida

Camila Bonifácio<sup>i</sup>

Resumo: A presente pesquisa que faz parte da linha Processos Educacionais do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFBA, tem como objetivo identificar os impactos do sexismo linguístico no cotidiano da juventude, através da experiência de teatro-fórum aliado ao drama como método de ensino, contribuindo assim para desconstrução de preconceitos e estereótipos que envolvem as questões de gênero.

Palavras chave: Teatro-Fórum – Educação – Linguagem – Memória – Gênero

Das oficinas de teatro do Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes<sup>ii</sup> a *menina* com o desejo de ser atriz profissional encontra na Escola de Teatro da UFBA a *mulher* educadora, que hoje após diversas experiências como atriz e arte educadora descobre nas discussões, estudos e pesquisas sobre raça e gênero, a possibilidade de fazer um teatro transformador.

Um teatro que me possibilite intervir como cidadã nos fenômenos sociais e ideológicos, como também nas desigualdades linguísticas<sup>iii</sup>, para investigar e contribuir na desconstrução de opressões ligadas as questões de gênero, a partir de um contexto educacional, trazendo ações e reflexos na vida das educandas e educandos, da pesquisadora, bem como no campo das pesquisas acadêmicas.

Augusto Boal considera “o teatro como *linguagem*, apto para ser utilizado por qualquer pessoa, tenha ou não atitudes artísticas” (BOAL, 1991, p.138), então se naturalmente nos identificamos e nos mobilizamos sobre aquilo que nos toca, e na troca de conhecimentos aprendem educandos e educadores, o processo de arte-educação trabalhará para um protagonismo do sujeito em suas histórias.

Sabe-se que a importância está não apenas no que se diz, mas também como se diz, com isso um processo teatral utilizando o teatro do oprimido e o

drama como método de ensino sendo as principais bases metodológicas, discutirá de que maneira conteúdo e forma linguística trazidas cotidianamente de forma sexista, podem afirmar e reforçar atitudes preconceituosas e discriminatórias, revelando assim relações entre opressor e oprimido.

Se os fatores históricos, políticos, educacionais e sociais estão diretamente ligados aos posicionamentos dos indivíduos, como diz Paulo Freire, pensar na história como possibilidade é reconhecer a educação também como possibilidade (FREIRE, 2001). Trabalhar para uma educação não sexista significará, também, ultrapassar as barreiras existente entre teoria e prática, a fim de promover uma reconstrução das atitudes acerca das relações de gênero.

A necessidade em investigar como conteúdo e forma linguística trazida cotidianamente de forma sexista, podem revelar relações de opressão a partir de um processo teatral contribui para a transformação através dos sentidos. Se a linguagem verbal constitui um fenômeno social, é preciso que a língua evolua no mesmo sentido do mundo social, partindo de um processo onde a educanda e o educando sejam ao mesmo tempo atores e criadores, no contexto de ficção estes irão desafiar e questionar o que é normalmente aceito na sociedade.

Um processo teatral que ative os sentidos abrirá caminho para ativação da memória do sujeito, que em cena terá o espaço para o desenvolvimento das ações no contexto ficcional. Lembrar, remeter-se as situação vividas seja de forma consciente ou não, servirá como ponte para o entendimento de si na situação de opressão presenciada ou vivida.

As situações experienciadas no contexto ficcional abrirão espaço para a relação com o contexto real, desse modo as memórias ativadas a partir do pré-texto, sairão do campo das ideias/ pensamento e ganharão em cena uma ação física, provocando os sujeitos destas ações a descobrir as possibilidades de reconstruções daquelas situações como meio de garantir uma autonomia dentro de sua história.

Neste sentido o desenvolvimento de uma proposta de Teatro Fórum no contexto educacional, torna possível que todas e todos representem e

protagonizem as necessárias transformações da sociedade, como propõe Boal (1991), transformando assim, as ações sexistas que reverberam nas práticas cotidianas entre as relações de gênero.

O processo teatral tem como sujeitos, adolescentes de 12 a 17 anos, estudantes de instituições de ensino público formal da cidade de Salvador/Bahia, onde atuo como professora da disciplina Artes. A experiência teórico-prática possui as etapas/eixos: Liberação e Sensibilização, onde a proposta é apresentada, os primeiros contatos grupais são estabelecidos e o grupo passa a ser sensibilizado artisticamente e para a temática da proposta a partir de pré-textos; Produção e Apresentação, focada nas relações entre opressor e oprimido com o Teatro-Fórum seguido de apresentação para o público espec-atores; e Avaliação com a plateia (repercussões e enquete) e o grupo.

Nesta ação o teatro age como parte fundamental na formação deste indivíduo, este processo está contido no currículo destes por acreditar na importância dos estudos e práticas destes assuntos. Os conteúdos que compõem um currículo são também uma responsabilidade da educadora e educador que escolhe e executam-no, logo estes devem ter um papel provocador para estas cidadãs e cidadãos em formação, para Tomaz Tadeu da Silva, "... o currículo é a construção de nós mesmos como sujeitos". (SILVA, 2008, P.196)

A discussão das relações de gênero a partir de um processo teatral possibilita que a arte reflita em nossos alunos e alunas/ atores e atrizes<sup>iv</sup>, bem como nos espec-atores de forma transformadora, pois, segundo Kant "o sujeito constrói o mundo de sua experiência possível, passando da mera posição de espectador para sujeito ativo" (DALBOSCO, 2011, P 105), de modo a possibilitar uma transformação de si mesmo para com a sociedade em que atuam.

Para tanto, Augusto Boal nos revela a necessidade de ter o teatro como uma forma de auxiliar as transformações sociais e como elemento de conscientização, compreendendo-o como ciência: "O teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode

nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele” (BOAL, 2005, p.xi.).

Assim, observa-se a partir desta ação teatral um processo de libertação do sujeito, pois a relação do opressor e oprimido será vivida dentro da ação, que fará com que este sujeito posicione-se a transforma-la ou veja a possibilidade de transformação com a ajuda do outro, do espectador. Logo, esta libertação da opressão será no palco e também na vida, pois se você transforma o indivíduo, também transformará a maneira que ele dialoga com a sociedade.

### **Referências:**

BOAL, Augusto. **Jogos para Atores e Não-Atores**. 7ª edição rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino**/ Beatriz Cabral. – São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2006.

CARBONI, Florence. **A linguagem escravizada: língua histórica, poder e luta de classes**/Florence Carboni, Mario Maestri. – São Paulo: Expressão Popular, 2003.

DALBOSCO, Claudio A. **Kant e a Educação**/Cláudio A. Dalbosco. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. - (Coleção Pensadores & Educação)

Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros /2. ed Salvador (BA): Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 6ª edição. São Paulo, Cortez, 2001.

SILVA, Tomaz T. **Alienígenas na sala de aula**/Tomaz Tadeu da Silva(org.). 7.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

---

<sup>iii</sup> Escola de ensino médio da rede estadual de educação na cidade de Salvador-Bahia.

<sup>iii</sup> A linguagem pode ser revelada e reproduzida como forma de opressão, mas se a língua “é um instrumento social de comunicação” (p.229) como afirma a professora, Suzana Cardoso (1994), acredito que esta deverá ser pensada de forma a não fortalecer atitudes sexistas. Aqui irei me ater ao sexismo contra a mulher, por perceber o quanto historicamente estas vêm sendo excluídas e estigmatizadas nas relações de gênero das mais variadas formas, inclusive linguística.

<sup>iv</sup> Nomeio aluno/aluna ator/atriz, aqueles e aquelas que fazem teatro, mas que necessariamente não o fazem com objetivos profissionais, porém em Teatro educação, como traz Beatriz Cabral, “o aluno é criador e ator, ele faz e apresenta” (CABRAL, 2006, P.29), onde o objetivo principal do trabalho teatral com os mesmos visam um envolvimento com o teatro-educação como parte fundamental de sua formação.

É atriz, diretora teatral e professora licenciada em Teatro pela Universidade Federal da Bahia (2007). Foi aluna especial do mestrado do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA (2008). Atualmente é mestranda do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas/UFBA, orientada pela Profa. Dra. Célida Salume e também atua como professora nas redes estadual e municipal de ensino no estado da Bahia.